

Elizabeth Hoyt

VERTIGEM DE PAIXÃO

Tradução

Maria João Vieira

*Quinta Essência**

Capítulo 1



Jack marchava pela estrada, assobiando alegremente, pois era um homem sem uma única preocupação neste mundo...

– em LAUGHING JACK

LONDRES, INGLATERRA
MAIO 1765

Jasper Renshaw, visconde Vale, reconhecia que, na vida de um homem, havia poucas coisas piores do que ser rejeitado pela noiva no próprio dia do casamento. Mas ser rejeitado no dia do próprio casamento quando ainda estava a sofrer os efeitos prolongados de uma noite de embriaguez... bom, isso então era o cúmulo da má sorte.

– Lamento imeenso! – Miss Mary Templeton, a noiva em causa, lamentou-se num tom capaz de arrancar o couro cabeludo a um homem. – Nunca quis enganá-lo!

– Não, suponho que não – disse Jasper.

Tinha uma vontade irresistível de repousar a cabeça dorida entre as mãos, mas, evidentemente, este era um momento dramático na vida de Miss Templeton e ele sabia que fazer tal coisa não respeitaria a gravidade da ocasião. Pelo menos, estava sentado. Havia uma cadeira de madeira, de espaldar alto, na sacristia da igreja e, mal entraram, ele apropriou-se dela de forma nada cavalheiresca.

Ms. Templeton não parecia ter-se importado.

– Oh, senhor! – choramingou, presumivelmente dirigindo-se a ele, embora, considerando o sítio onde se encontravam, também pudesse estar a invocar Alguém acima dele. – Não consigo, juro que não consigo. A mulher é um destroço frágil! Demasiado simples, demasiado emocional para conseguir resistir ao vendaval da paixão!

Vendaval da paixão?

– Sem dúvida – murmurou Jasper.

Gostaria de ter tido tempo para um – ou dois – copos de vinho nessa manhã. Tê-lo-ia ajudado a assentar as ideias e agora ajudá-lo-ia a perceber melhor o que a noiva estava a tentar dizer-lhe para além do facto de já não se querer tornar na quarta viscondessa Vale. Mas, nessa manhã, ele, pobre tonto, tinha-se arrastado para fora da cama sabendo que aquilo que o esperava era um entediante casamento seguido de um longo pequeno-almoço. Em vez disso, tinha sido recebido à porta da igreja por Mr. e Mrs. Templeton, ele de olhar sombrio e ela estranhamente nervosa. Como se não bastasse, havia lágrimas recentes na face da sua encantadora noiva e, algures na sua alma escura e pecadora, ele soube que não comeria bolo de casamento nesse dia.

Jasper reprimiu um suspiro e olhou para a sua ex-futura mulher. Mary Templeton era absolutamente encantadora. Cabelo escuro brilhante, vivos olhos azuis, uma tez fresca e cremosa e bonitos seios roliços. Como ele tinha ansiado por aqueles seios roliços, pensou sombriamente enquanto ela andava em frente dele.

– Oh, Julius! – exclamava agora Ms. Templeton, abrindo os braços encantadores e redondos. Realmente era uma pena que aquela sacristia fosse uma sala demasiado pequena para ela.

O seu drama precisava de mais espaço.

– Se ao menos eu não te amasse tanto!

Jasper pestanejou e inclinou-se ligeiramente para a frente, com a certeza de que tinha perdido qualquer coisa porque não se lembrava do tal Julius.

– Ah, Julius...?

Ela voltou-se, arregalando os enormes olhos azuis. Eram verdadeiramente magníficos.

– Julius Fernwood. O cura da cidade que fica perto da quinta do papá.

Tinha sido rejeitado por causa de um pastor?

– Oh, se conhecesse os seus suaves olhos castanhos, o seu belo cabelo loiro e a compostura do seu comportamento, tenho a certeza de que sentiria o mesmo que eu.

Jasper arqueou as sobrancelhas. Parecia-lhe muito pouco provável.

– Amo-o, senhor! Amo-o com toda a minha pobre alma.

Num movimento alarmante, Mary caiu de joelhos à frente dele, o lindo rosto, molhado de lágrimas, voltado para cima, as mãos brancas e macias juntas entre os seus redondos seios.

– Por favor! Por favor, peço-lhe, liberte-me deste compromisso cruel. Devolva-me as minhas asas para que eu possa voar para o meu verdadeiro amor, esse amor que abrigarei sempre no meu coração, mesmo que seja obrigada a casar consigo, que seja obrigada a estar entre os seus braços, obrigada a suportar a sua animalesca luxúria, obrigada a...

– Sim, sim – Jasper interrompeu-a abruptamente não a deixando continuar a desenrolar aquele retrato em que o pintava um animal babando de arrebatamento. – Bem vejo que não sou loiro e que não tenho o estilo de vida de um pároco. Desisto do casamento. Por favor. Vá atrás do seu verdadeiro amor. Desejo-lhe as maiores felicidades.

– Oh, muito obrigada, senhor! – Mary agarrou as mãos do visconde Vale molhando-as de beijos. – Ficar-lhe-ei grata para sempre, para sempre serei sua devedora. Se alguma...

– Muito bem. Se eu alguma vez precisar de um cura loiro ou da mulher de um cura, etc., etc. Vou lembrar-me disso. – Uma súbita inspiração fez Jasper meter a mão no bolso para tirar de lá uma mão-cheia de meias coroas. Tinha-as trazido para atirar à multidão após o casamento. – Tome. Para o seu casamento. Desejo-lhe as maiores felicidades com, *uhm*, Mister Fernwood.

Colocou as moedas nas mãos dela.

– Oh! – Os olhos de Ms. Templeton ficaram ainda maiores. – Oh, muito obrigada! – Mary pousou-lhe um último beijo na mão e saiu da sacristia. Muito provavelmente percebeu que a oferta das valiosas moedas tinha sido fruto de um impulso e, se ficasse muito mais tempo ali, Vale podia repensar a sua generosidade.

Jasper suspirou, pegou num grande lenço de linho e limpou as mãos. A sacristia era um compartimento pequeno, as paredes eram da mesma pedra cinzenta antiga que a igreja em que ele tinha planeado casar. Prateleiras de madeira escura cheias da parafernália da igreja forravam uma parede: castiçais antigos, papéis, bíblias e pratos de estanho. Por cima, uma pequena janela de vidros transparentes rasgava a parede, quase no topo. Conseguia ver o céu azul e uma única nuvem, branca e inchada, flutuando serenamente. Uma pequena sala solitária onde uma vez mais fora deixado sozinho. Voltou a guardar o lenço no bolso do colete e ficou a olhar, abstraído, para um botão que caíra. Tinha de dizer isso a Pynch. Jasper pousou o cotovelo na mesa ao lado da cadeira em que continuava sentado, encostou a cabeça à mão, os olhos fechados.

Pynch, o seu criado, preparara um maravilhoso coquetel para lhe tirar a dor de cabeça com que tinha ficado depois de uma noite de excessos. Depressa poderia voltar a casa, tomar uma bebida e talvez até voltar para a cama. Caramba, como lhe doía a cabeça, obrigando-o a ficar ali. Ouvia vozes no exterior da sacristia que ecoavam no teto abobadado da igreja. Pelo som,

percebeu que Ms. Templeton encontrara alguma resistência paterna aos seus planos românticos. Um canto da boca de Jasper elevou-se. Talvez o pai não estivesse tão entusiasmado com o cabelo loiro, cor de manteiga, como ela. De qualquer maneira, ele preferia ter de suportar uma carga de franceses em vez de enfrentar a família e os amigos que o esperavam lá fora.

Suspirou e estendeu as suas longas pernas. Assim tinham ficado desfeitos seis meses de árduo trabalho. Gastara seis meses a cortejar Ms. Templeton. Um mês à procura de uma rapariga que lhe conviesse – de boa família, não demasiado jovem, nem demasiado velha, e suficientemente bonita para ser levada para a cama. Três meses de cuidadosa corte, namoriscando com ela em bailes e salões, levando-a a passear de carruagem, comprando-lhe doces e flores e pequenas bugigangas. Então, tinha-a pedido em casamento, ela dissera que sim e ele dera-lhe um beijo casto na face virginal. Depois, restara apenas a publicação dos banhos e fazer compras e preparativos para as abençoadas núpcias que se aproximavam.

O que tinha corrido mal? Ela parecia tão empenhada nos planos dele. Nunca antes da manhã daquele dia tinha expressado qualquer dúvida. Podia mesmo dizer que Mary ficara extasiada quando lhe oferecera pérolas e brincos de ouro. De onde viera, então, esta súbita vontade de casar com o pastor loiro de cabelo cor de manteiga?

Richard, o seu irmão mais velho, nunca teria tido aquele problema de perda de noivas se tivesse vivido o tempo suficiente para procurar a sua própria viscondessa. O problema era ele, pensou morbidamente Jasper. Havia nele qualquer coisa que era um anátema para o sexo fraco – pelo menos, quando se tratava de casamento. Era impossível não recordar que aquela já era, de facto, a segunda vez em menos de um ano que ele era abandonado no altar. Claro, da primeira vez tinha sido Emeline que – sejamos justos – era mais sua irmã do que amante. No entanto, um cavalheiro pode muito bem...

O ranger da porta da sacristia, abrindo, interrompeu os pensamentos de Jasper. Abriu os olhos.

Uma mulher alta, magra, hesitava em entrar. Era uma amiga de Emeline, aquela de que Jasper nunca se lembrava do nome.

– Desculpe, acordei-o? – perguntou ela.

– Não, estava apenas a descansar.

Ela assentiu com a cabeça, olhou para trás, por cima do ombro, e fechou a porta, ficando sozinha com ele numa sala numa situação bastante imprópria.

Jasper levantou as sobrancelhas. Ela nunca lhe parecera do género dramático, mas, evidentemente, ele não era bom juiz nessas matérias.

Ela ficou parada, muito direita, os ombros bem colocados, o queixo ligeiramente levantado. Era uma mulher completamente normal, com feições que um homem dificilmente recordaria – pensando bem, talvez fosse por isso que ele nunca se lembrava do nome dela. O cabelo dela era de uma cor indeterminada, entre o castanho e o loiro, e estava preso num nó na parte de trás da cabeça. Os olhos eram de um castanho indefinido. O vestido era castanho-acinzentado, com um vulgar corpete de decote quadrado, revelando um peito magro. A pele não estava mal, reparou Jasper. Era daquele translúcido branco-azulado que frequentemente se compara ao mármore. Se se aproximasse um pouco mais, tinha a certeza de poder ver-lhe o traço das veias que corriam por baixo daquela sua pele pálida e delicada.

Não se aproximou mais, mas levantou os olhos para ela. Continuava ali, imóvel, como quando ele a observara, mas agora um leve rubor coloria-lhe as altas maçãs do rosto.

Vê-la assim atrapalhada, ainda que ligeiramente, fê-lo sentir-se um canalha. Consequentemente as suas palavras foram cortantes.

– Posso ajudá-la em alguma coisa, minha senhora?

Ela respondeu à pergunta com outra pergunta:

– É verdade que a Mary não vai casar consigo?

Jasper suspirou.

– Ao que parece, o coração dela foi conquistado por um pároco, um mero visconde não lhe serve.

Ela não sorriu.

– Não a amava.

O visconde Vale abriu as mãos.

– É tristemente verdade apesar de tal confissão fazer de mim um canalha.

– Então, tenho uma proposta para lhe fazer.

– Oh?

Ela esfregou as mãos uma na outra e fez o impossível. Endireitou ainda mais as costas.

– Deixe que seja eu a casar consigo no lugar dela.

MELISANDE FLEMING mantinha-se imóvel e olhava Lorde Vale nos olhos, de forma constante e sem qualquer indício de agitação pueril. Era uma mulher de vinte e oito anos, há muito que tinha passado a idade dos casamentos primaveris e da flor de laranjeira. Há muito que havia passado a esperança de felicidade, de facto. Mas, ao que parecia, a esperança era algo resistente, difícil de derrotar.

O que acabava de propor era ridículo. Lorde Vale era um homem rico. Um nobre. Um homem no auge da vida. Em resumo, um homem que podia ter todas as mulheres que quisesse, mais novas e mais bonitas do que ela. Apesar de ter sido trocado, no altar, por um pároco sem um tostão.

Por isso, Melisande preparou-se para as gargalhadas, para o desprezo ou, pior do que tudo isso, para a piedade.

No entanto, Lorde Vale olhava simplesmente para ela. Talvez não tivesse ouvido. Os seus belos olhos azuis estavam um pouco avermelhados e, pela maneira como segurava a cabeça quando ela entrara, era bastante provável que se tivesse excedido na noite anterior ao casamento.

Descansava na cadeira, as pernas esticadas a ocupar muito mais espaço do que devia. Olhou para ele com os seus terrivelmente brilhantes olhos azul-esverdeados. Eram luminescentes, apesar da vermelhidão, e a única coisa nele a que se podia chamar encantadora. O seu rosto era alongado, vincado de profundas rugas em volta dos olhos e da boca. O nariz era comprido, demasiado comprido. As pálpebras descaíam nos cantos, como se ele estivesse perpetuamente ensonado. E o cabelo... por acaso o cabelo era bastante bonito, encaracolado e forte, de um bonito tom castanho-avermelhado. Dava-lhe um ar infantil, talvez até efeminado noutro homem qualquer.

Ela quase estivera para não vir ao casamento. Mary era uma prima afastada, com quem falara apenas uma ou duas vezes na vida. Mas Gertrude, a cunhada de Melisande, tinha adoecido nessa mesma manhã e insistiu para que Melisande fosse representar esse ramo da família. E assim ali estava ela, a acabar de fazer a jogada mais imprudente da sua vida.

Como o destino era estranho.

Finalmente, Lorde Vale mexeu-se. Passou uma mão ossuda pelo rosto e olhou para ela por entre os dedos afastados.

– Sou um idiota, desculpe, mas juro-lhe pela minha vida que não consigo lembrar-me do seu nome.

Evidentemente. Ela sempre fora o género de rapariga que ficava misturada na multidão. Nunca no centro, nunca atraindo a atenção sobre si.

Enquanto ele era exatamente o oposto.

A jovem respirou fundo, apertando os dedos para esconder o tremor nervoso. Tinha apenas aquela oportunidade e não ia desperdiçá-la.

– Sou Melisande Fleming. O meu pai era Ernest Fleming, dos Fleming de Northumberland. – A família dela era antiga e muito respeitada e por isso poupou outras explicações. Se ele nunca tinha ouvido falar deles, não eram os seus protestos de respeitabilidade que agora a iam salvar. – O meu pai morreu,

mas tenho dois irmãos, Ernest e Harold. A minha mãe era uma emigrada prussiana, também já morreu. Deve lembrar-se que sou amiga de Lady Emeline, que...

– Sim, sim. – Ele levantou a mão do rosto e fez um gesto vago, como se quisesse afastar as credenciais dela. – Sei muito bem quem é, só não sabia...

– O meu nome.

Jasper inclinou a cabeça.

– Exatamente. Como já disse... sou um idiota.

Ela engoliu em seco.

– Posso saber a sua resposta?

– Sobre isso... – ele abanou a cabeça e fez um gesto vago com os dedos –, ontem à noite bebi um pouco de mais e ainda estou atordoado com a rejeição de Miss Templeton, portanto, talvez as minhas faculdades mentais não estejam na melhor forma, mas, ainda assim, não vejo por que razão quer casar comigo.

– É um visconde, senhor. A falsa modéstia não lhe fica bem.

A boca dele curvou-se num ligeiro sorriso.

– Para uma senhora que está a pedir a mão de um cavalheiro é bastante direta, não é?

Ela sentiu que o rubor lhe invadia o pescoço e as faces e teve de lutar contra a vontade de voar para a porta e sair a correr.

– Com tantos viscondes neste mundo, porquê eu? – perguntou Jasper delicadamente.

– É um homem honrado. Sei disso pela Emeline. – Melisande avançava com cuidado, escolhendo as palavras. – Pela rapidez do seu noivado com a Mary, suponho que está ansioso por casar, não é verdade?

Ele inclinou a cabeça.

– Assim parece.

Ela concordou com a cabeça.

– E eu quero ter a minha própria casa em vez de viver da generosidade dos meus irmãos. – Era verdade, mas só em parte.

– Não tem dinheiro seu?

– Tenho um excelente dote e, além disso, também tenho dinheiro meu. Mas uma mulher solteira dificilmente pode ser independente.

– Tem razão.

Jasper olhou para ela, aparentemente muito satisfeito por tê-la ali à sua frente, como um peticionário perante um rei. Pouco depois, assentiu com a cabeça e levantou-se, a altura dele obrigando-a a olhar para cima. Ela era uma mulher alta, mas ele era um homem muito mais alto do que ela.

– Desculpe, mas tenho de ser franco para evitar mal-entendidos embaraçosos que possam surgir mais tarde. Eu quero um casamento verdadeiro. Um casamento que, com a graça de Deus, me dê filhos gerados na cama matrimonial. – Fez um sorriso encantador e os seus olhos turquesa brilharam ligeiramente.

– É também isso que quer?

Ela segurou-lhe o olhar, não se atrevendo a desejar mais.

– Sim.

Ele acenou com a cabeça.

– Nesse caso, Miss Fleming, tenho a honra de aceitar o seu pedido de casamento.

Ela sentiu o peito apertar-se e, ao mesmo tempo, era como se tivesse um pássaro selvagem dentro de si, vibrando dentro de uma gaiola, lutando para se libertar e sair a voar alegremente pela sala.

Melisande estendeu a mão:

– Muito obrigada, senhor.

Ele sorriu ironicamente para aquela mão que se lhe oferecia e depois tomou-a. Mas, em vez de a apertar para selar o acordo, inclinou a cabeça sobre os nós daqueles dedos e ela sentiu o quente roçar dos lábios dele. E reprimiu um arrepio de desejo provocado por aquele simples toque.

Lorde Vale endireitou-se.

– Espero que continue a agradecer-me depois de casarmos, Miss Fleming.

Ela abriu a boca para responder, mas ele já estava a afastar-se.

– Lamento, estou com uma terrível dor de cabeça. Falo com o seu irmão daqui a três dias, pode ser? Tenho de representar o papel de apaixonado desgostoso pelo menos durante três dias, não lhe parece? Um período mais curto poderá ter consequências negativas para Miss Templeton. – E, com um sorriso irónico, fechou a porta atrás de si.

Melisande deixou cair os ombros, libertando a tensão. Olhou para a porta durante um momento e depois passeou o olhar pela sacristia. Era vulgar, pequena e estava um bocadinho desarrumada. Não era o género de sítio que ela associasse à ocasião em que o seu mundo acabava de se virar de pernas para o ar. E ainda assim – a menos que no último quarto de hora tivesse estado a sonhar acordada – era este o local que tinha visto a sua vida tomar um rumo novo e completamente inesperado.

Olhou para as costas da sua mão. Não havia um único vestígio que lhe mostrasse que ele a tinha beijado. Há anos que ela conhecia Jasper Renshaw, Lorde Vale, e durante todo esse tempo ele nunca lhe tinha tocado. Melisande pressionou as costas da mão contra a boca e fechou os olhos, imaginando como seria quando os lábios dele tocassem os dela. O seu corpo tremeu com esse pensamento.

Voltou a endireitar as cortas, alisou a sua já lisa saia e passou os dedos pelo cabelo para se certificar que tudo estava em ordem. Feito isto, preparava-se para sair da sala quando, com o pé, tocou em qualquer coisa. Um botão de prata jazia sobre as lajes, estivera escondido pelas suas saias até ela ter dado o primeiro passo. Melisande apanhou-o e rolou-o lentamente entre os seus dedos. Em relevo, na prata, havia um V. Olhou o botão por um

momento e depois escondeu-o na manga. A seguir, saiu da sacristia.

– PYNCH, ALGUMA VEZ ouviste falar de um homem que tenha perdido a noiva e que, no mesmo dia, tenha encontrado outra?
– perguntou Jasper, como por acaso, nessa mesma tarde.

Estava estendido na sua enorme banheira, mandada fazer especialmente para ele.

Pynch, o seu criado, estava a um canto do quarto a tirar roupa de um armário. Respondeu sem sequer se voltar:

– Não, senhor.

– Bom, suponho que sou o primeiro homem da história a quem isso aconteceu. Londres devia erguer-me uma estátua. As crianças passariam por ali e abririam a boca de espanto enquanto as suas amas os admoestavam para que não se atrevessem a seguir-me os passos.

– Certamente, senhor – respondeu Pynch, monocórdico.

A voz de Pynch tinha o tom perfeito para um criado particular de um cavalheiro – era suave, uniformemente profunda e serena – e completamente o contrário de tudo o resto que havia nele e que, de facto, em nada se parecia com um importante criado de um lorde. Pynch era um homem grande. Muito grande mesmo. Tinha ombros de touro, umas enormes mãos, cada uma delas capaz de agarrar um prato de jantar, um pescoço tão grosso como as coxas de Jasper e a cabeça coroada por uma calva que mais parecia uma cúpula. Pynch não parecia um criado privado, mas um granadeiro, um desses soldados de infantaria usados pelo exército para abrir brechas nas linhas inimigas.

A verdade é que era isso mesmo que Pynch tinha sido, um granadeiro dos exércitos de Sua Majestade. Mas isso fora antes de ter tido um desentendimento com o sargento, o que acabou com Pynch a ser fechado, durante um dia, num porão. Foi aí

que Jasper o viu pela primeira vez, no porão, a levar com couves estragadas na cara. Foi uma visão tão impressionante que mal Pynch foi solto, Jasper convidou-o para seu ordenança. O convite foi imediatamente aceite. Dois anos depois, quando o visconde Vale terminou a sua comissão, tratou de também pôr fim à de Pynch e levou-o consigo de regresso a Inglaterra como seu criado privado. Uma série de acontecimentos felizes que se encaixaram uns nos outros, pensava Jasper, pousando um pé na borda da banheira e sacudindo as gotas de água que lhe escorriam dos dedos.

– Mandaste a carta a Miss Fleming? – O visconde referia-se à carta que educadamente tinha escrito à sua nova noiva reafirmando-lhe que visitaria o seu irmão mais velho dentro de três dias se, entretanto, ela não tivesse mudado de ideias.

– Sim, senhor visconde.

– Muito bem. Muito bem. Acho que este noivado vai resultar. Tenho esse pressentimento.

– Pressentimento, senhor?

– Sim – disse Jasper. Pegou numa escova de cabo comprido e passou-a sobre os dedos. – Como aquele que tive há duas semanas atrás quando apostei meio guinéu naquele cavalo castanho.

Pynch aclarou a garganta.

– Senhor visconde, creio que esse cavalo chegou coxo ao fim da corrida.

– Chegou? – Jasper fez um gesto com a mão, desvalorizando o facto. – Não interessa. De qualquer maneira, em circunstância alguma se devem comprar as senhoras aos cavalos. O que eu estou a querer dizer é que estamos noivos há três horas e Miss Fleming ainda não me mandou avisar que desistiu. Tenho a certeza que estás impressionado com isso.

– De facto, um sinal muito positivo, senhor visconde, mas gostaria de lembrar, se me permite, que Miss Templeton esperou pelo dia do casamento para quebrar o compromisso.

– Ah, mas, neste caso, a ideia do casamento partiu da própria Miss Fleming.

– A sério, senhor?

Jasper parou de escovar o pé esquerdo.

– É evidente que não quero que isto saia deste quarto.

Pynch ficou hirto.

– É claro que não, senhor visconde.

Jasper fez uma careta. Raios, tinha acabado de ofender Pynch.

– Estaríamos a magoar os sentimentos da senhora se se ficasse a saber que ela se ajoelhou aos meus pés.

– Ajoelhou, senhor?

– Bom, é uma maneira de dizer. – Jasper fez um gesto com a escova e salpicou com água uma cadeira que estava ali perto. – Ela parecia convencida de que eu estava desesperado para casar e assim aproveitou a oportunidade.

Pynch arqueou uma sobranceira.

– E o senhor visconde não a corrigiu?

– Pynch, Pynch, nunca te disse que nunca se deve contradizer uma senhora? Não é uma atitude cavalheiresca e, além do mais, também é uma perda de tempo. De qualquer maneira, elas continuam sempre a pensar como querem. – Jasper coçou o nariz com a escova. – E a verdade é que alguma vez eu ia ter de casar. Casar e ter filhos, tal como fizeram todos os meus nobres antepassados. Era inevitável. Preciso de ter um ou dois filhos homens medianamente inteligentes, no mínimo, para continuarem o antigo e bafiento nome dos Vale. E, desta maneira, até poupo meses de busca e corte a mais uma rapariga tola.

– Ah! Então, na sua opinião, senhor visconde, qualquer senhora serve?

– Claro! – Mas Jasper mudou de ideias mal acabou de dizer isto: – Não! Raios, Pynch, tu e a tua lógica de advogado. De facto, há qualquer coisa nela. Não sei como descrevê-lo. Ela

não é exatamente a mulher que eu teria escolhido, mas, quando estava ali, parecendo tão corajosa e ao mesmo tempo a olhar para mim surpreendida, como se eu tivesse acabado de cuspir em frente dela... Bom, fiquei encantado, creio. A menos que tudo isso ainda tenha sido efeito do excesso de uísque da noite passada.

– Sem dúvida, senhor visconde – murmurou Pynch.

– Seja como for, o que eu estava a tentar dizer é que espero que este noivado termine mesmo em casamento. Se não for assim, muito rapidamente terei a reputação de um ovo podre.

– Tem toda a razão, senhor.

Jasper olhou para o teto, franzindo a testa.

– Pynch, não podes concordar comigo quando me comparo a um ovo podre.

– Não, claro que não, senhor visconde.

– Obrigado.

– De nada, senhor.

– Podemos apenas esperar que Miss Fleming não conheça nenhum pároco nas semanas anteriores ao casamento. Especialmente se o tal cura tiver cabelo loiro.

– Assim é, senhor.

– Sabes, acho que nunca conheci nenhum cura de quem tivesse gostado – comentou Jasper, pensativo.

– A sério, senhor visconde?

– Parecem sempre ter falta de queixo. – Jasper passou os dedos pelo seu longo queixo. – Talvez seja uma espécie de requisito necessário para entrar no clero inglês. Achas que é possível?

– Possível, sim. Provável é que já não.

– *Hmm...*

Na outra ponta do quarto, Pynch transferia uma pilha de roupa para uma das prateleiras superiores do armário.

– O senhor visconde fica em casa hoje?

– Receio bem que não. Tenho outro assunto para tratar.

– E esse outro assunto tem a ver com aquele homem da prisão de Newgate?

Jasper desviou o olhar do teto para o seu criado.

A expressão normalmente estática de Pynch estava ligeiramente estrábica, ou seja, na sua versão preocupada.

– Adivinhaste! Thornton será julgado em breve e certamente será condenado e enforcado. Quando ele morrer, as informações morrem com ele.

Pynch atravessou o quarto transportando uma enorme toalha de banho.

– Isso, presumindo que ele tenha alguma informação para transmitir.

Jasper saiu da banheira e aceitou a toalha que o criado lhe estendia.

– Sim, partindo desse princípio.

Pynch observava o patrão enquanto este se secava, sempre com olhos estrábicos.

– Perdoe, senhor visconde, não me quero meter onde não sou chamado...

– E, ainda assim, estás sempre a meter-te – murmurou Jasper.

O criado continuou a falar como se não o tivesse ouvido:

– Preocupa-me vê-lo obcecado com esse homem. É um conhecido mentiroso. O que o faz pensar que, agora, diga a verdade?

– Nada. – Jasper atirou a toalha para o lado e dirigiu-se para a cadeira onde estava a sua roupa, começando a vestir-se.

– Ele é um mentiroso, um violador, um assassino e só Deus sabe que mais. Só um doido acreditaria no que ele diz. Mas não posso deixá-lo ir para a forca sem pelo menos tentar ouvir a sua versão da verdade.

– Receio bem que ele ande apenas a brincar consigo, para se divertir.

– Tens razão, Pynch, como sempre, aliás. – Jasper concordou sem olhar para o seu criado, enquanto enfiava a camisa